

Houve negros vestidos de gregos, com harpas na mão, na terça-feira gorda, em plena avenida. Houve homens atléticos vestidos de mulher, e houve índios, e legionários e tudo o mais. A certa altura porém notei que se formava uma roda na multidão, e fui ver o que era. Um sujeito com um fez na cabeça tocava numa flautinha uma triste melodia, que outro sujeito de fez acompanhava fazendo a rarasção com um tambor. Dentro da roda havia tres bailapinas. Duas andavam em volta, com passos simples e sempre iguais e uma - bem moreninha, com 16 anos de idade no máximo, vestida de odaliscas, muito séria, dansava no meio.

Já vi imigrantes arabes dansando numa terceira classe de um transatlântico, e me admirei de vêr que a moreninha não dansava uma dessas dansas orientais de cinema, mas uma legitima dansa árabe. Desconfiei da coisa e conversei com um dos sujeitos. Sim, eram ali todos árabes ou filhos de árabes. O sujeito da flautinha chegara de Beyruth dois meses atraz e não falava sinde nada de português. Estava aproveitando o Carnaval para se vestir exatamente como se vestia no interior de seu país e tocar sua flautinha exatamente como fazia lá.

Mais adiante encontrei uma pequena com uma fantasia portuguesa que me chamou a atenção. Tinha brincos de ouro iguais aos que todas as mulheres pobres da cidade do Porto usam - e isso me pareceu um dos maiores encantos de Portugal, esses brincos de ouro obrigatórios das mulheres do povo. Sua roupa era de um colorido lindo, mas o que me chamou mais a atenção foi o lenço que tinha á cabeça. Era igual a um que comprei, para dar de presente, em uma casa do Porto. Acabei conversando com a moça e perguntando onde podia comprar um lenço daqueles aqui no Rio. Logo que a abordei, a pua portuguezita, que era muito clara e bonita e bem portugueza de corpo, com sua cintura meio gressa, pôz-se em guarda, assustada de ser abordada por um desconhecido. Tinha ao lado uma irmã casada, vestida do mesmo jeito, com uma filhinha ao colo, e uma senhora que devia ser a mãe. Vendo que eu falava sério, dignou-se a me responder - e mesmo a velha gorda me olhou com simpatia. Disse que o lenço tinha sido comprado no Porto. Ah, no Porto! E então a mãe interveiu para acrescentar que "a menina era nascida lá".

Acho que não seria difícil, no Carnaval, achar outros imigrantes fantasiados... de si mesmos. Imigrantes e naturalmente filhos de imigrantes, que durante esses dias enchem o coração dos pais aparecendo como estes eram há vinte anos atraz. Assim o Carnaval, que veste copelrinhas mulatas de marquezas e caixotinhos de terríveis piratas, abre todas as portas á fantasia e também á saudade, e liberta todos os sonhos e ternuras impossíveis. Em Copacabana havia um bloco de negros vestidos de índios que iam tocando seus tambores e tamborins e roncando suas cuicas, e cantando. Atraz ia o mais forte

(CONT. 2 - BRAGA) - e alto de todos os negros. Caminhava na ponta dos pés, com uma grande lança na mão, olhando subitamente para um lado e outro, como um caçador primitivo na floresta. A certa altura o gigante semi-nú parecia vêr alguma coisa no meio da multidão - e investia num furia sensacional, de lança em riste. Todo mundo saia da frente, entre risos e sustos - e depois o negro voltava ao seu passo.

Contra quem arremetia com tanta fúria? Contra algum monstro da floresta, ~~uma~~ uma confusa e escura floresta da América ou da Africa, talvez a floresta social que o ano inteiro o abafa e humilha em sua posição de pobre diabo - mas que no Carnaval ele sterrorisa com sua lança primitiva. Não foi um grande Carnaval como os de antigamente, mas já veio com uma força nova, e deu para levar o peito de muita gente - e isto é uma grande coisa.